

## A contribuição de Sérgio Buarque de Holanda para a Historiografia Brasileira a partir do livro *Raízes do Brasil*<sup>I</sup>

---

Eduardo Augusto Santos Silva<sup>II</sup>

**Resumo:** O presente trabalho busca analisar a significativa contribuição de Sérgio Buarque de Holanda, a partir da análise do livro *Raízes do Brasil*, para a renovação da Historiografia Brasileira nos anos 1930. Indo em direção contrária a maioria dos intelectuais de sua época, os quais apresentavam em suas obras aspectos ainda da chamada Geração de 1870, Holanda rompeu com parte significativa das perspectivas historiográficas cientificistas e se propôs a realizar uma nova leitura do processo histórico brasileiro. Para isso utilizaremos como referenciais teóricos principais as discussões do próprio Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil* e também as análises de Maria Odila Dias, Mariana Françaço e Luiz Feldman.

**Palavras-Chave:** Historiografia Brasileira; Sérgio Buarque de Holanda; *Raízes do Brasil*.

## The contribution of Sérgio Buarque de Holanda for Historiography Brazilian through the book *Roots of Brazil*

**Abstract:** This article analyses the significant contribution of Sérgio Buarque de Holanda, based on the analysis of book *Roots of Brazil*, for the renewal of the Brazilian Historiography in the 1930s. Going in the opposite direction most intellectuals of his time, which had in their productions aspects of the so-called Generation of 1870, Holanda broke with significant part of scientific historiographical perspectives and set out to make a new reading of the Brazilian historical process. For this, we will use like main theoretical references the main discussions of own Sérgio Buarque de Holanda in *Roots of Brazil* and also the analysis of Odila Maria Dias, Mariana Françaço and Luiz Feldman.

**Keywords:** Brazilian Historiography; Sérgio Buarque de Holanda; *Roots of Brazil*.

Artigo recebido em 30/11/2015 e aceito em 12/12/2015.

# A CONTRIBUIÇÃO DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA PARA A HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA A PARTIR DO LIVRO RAÍZES DO BRASIL

EDUARDO AUGUSTO SANTOS SILVA

A fim de analisar a contribuição de Sérgio Buarque de Holanda para a Historiografia Brasileira, analisamos sua trajetória de vida e uma de suas principais obras, o livro *Raízes do Brasil*, de modo a percebermos quais as inovações que apresentou aos estudos históricos brasileiros em comparação as práticas historiográficas vigentes em grande parte até a década de 1930, bastante influenciadas pelos ideais de intelectuais da denominada Geração de 1870 – como Sílvio Romero, Tobias Barreto, Euclides da Cunha, Joaquim Nabuco e outros –, e que apresentavam uma visão pessimista sobre a História do Brasil através de determinismos biológicos de influência positivista e evolucionista, apesar dessas ideias já serem criticadas por Capistrano de Abreu em sua fase de maturidade intelectual<sup>III</sup>. Sérgio de Holanda, a partir de sua obra *Raízes do Brasil*, publicada em 1936, rompeu – assim como Caio Prado Júnior e Gilberto Freyre no mesmo período – com parte significativa dessas perspectivas historiográficas cientificistas e propôs uma nova leitura do processo histórico brasileiro<sup>IV</sup>.

Sérgio Buarque de Holanda nasceu em São Paulo em 11 de julho de 1902, vindo a falecer em 24 de abril de 1982. Holanda destacou-se intelectualmente por sua significativa produção como historiador, contudo, ao longo de sua trajetória de vida atuou também em outras áreas do conhecimento. Os trabalhos de Maria Odila Dias<sup>V</sup> e Mariana França<sup>VI</sup> nos auxiliaram na compreensão de sua trajetória de vida. Sérgio de Holanda em sua juventude, nos anos 1920, cursou a faculdade de Direito do Rio de Janeiro e produziu várias contribuições literárias e jornalísticas em periódicos como *O Correio Paulistano*, *Klaxon*, *Estética* e outros, nessa época a pesquisa histórica ainda não lhe era uma prioridade.

Holanda foi bastante influenciado em sua formação intelectual pelo movimento modernista que criticava a forte presença no Brasil de modelos artísticos e literários tradicionais, importados da Europa, e defendia uma maior ênfase nos elementos nacionais. O modernismo propunha o rompimento com a tradição vigente que apenas reproduzia modelos elaborados de fora do país e que não se articulavam mais com as necessidades da vida contemporânea brasileira da época, assim, defendia que era preciso traçar um caminho diferente, algo singular a cultura brasileira que possibilitasse a modernização da nação.

Sérgio de Holanda, ao participar como um dos vanguardistas do modernismo no Brasil, divulgou esses valores desde a publicação de seu primeiro artigo, por volta de 1920, intitulado *Originalidade literária*, no qual criticou a falta de originalidade na literatura brasileira. Dentre as várias correntes modernistas, ele tinha preferência pelo Surrealismo, que no Brasil teve Tarsila do Amaral como um dos seus principais destaques no campo artístico.

## A CONTRIBUIÇÃO DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA PARA A HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA A PARTIR DO LIVRO RAÍZES DO BRASIL

EDUARDO AUGUSTO SANTOS SILVA

Essa corrente valorizava a incorporação de elementos psicológicos nas produções<sup>VII</sup>, pois para seus adeptos usar apenas o raciocínio lógico limitava a liberdade de criação intelectual. Percebe-se assim que a influência do Surrealismo possibilitou a Holanda pensar a cultura brasileira fora de parâmetros de uma racionalidade universal herdeira da tradição iluminista do século XVIII<sup>VIII</sup>.

Para compreendermos mais detalhadamente as inovações nos estudos históricos a partir da obra de Holanda, vamos analisar brevemente o contexto nacional nos primórdios da República. Durante a Primeira República no Brasil (1889-1930) em função do Coronelismo e do Voto de Cabresto, que estimulavam a corrupção e fraude generalizadas nas eleições e contribuíam para a não consolidação da Cidadania e da Democracia no país, parte da intelectualidade – como Oliveira Viana<sup>IX</sup> – ainda defendia a necessidade da existência de um Estado forte e autoritário – visão que colocava as instituições políticas a serviço dos interesses das oligarquias brasileiras – para estruturar a sociedade e garantir o desenvolvimento da nação, concepção que já havia sido esboçada por Varnhagen<sup>X</sup>. A nação brasileira era vista como uma herdeira da suposta falta de vocação portuguesa para os princípios democráticos, visão a qual Sérgio de Holanda se mostrou contrário.

Em 1929, Holanda viajou a trabalho por um ano à Alemanha e enquanto desempenhava a função de jornalista colaborador da *Revista Duco* manteve frequente contato com intelectuais alemães da Universidade de Berlim, como o professor Friedrich Meinecke através do qual conheceu o Historismo – concepção que valoriza o particular e o singular em cada situação do tempo histórico, negando a existência de um plano racional e advogando o relativismo cultural para a análise dos fenômenos sociais – ou Historicismo alemão<sup>XI</sup> e realizou algumas entrevistas com intelectuais alemães como Thomas Mann, além de ter um contato mais próximo com as ideias de pensadores alemães como Burckhardt, e sobretudo, Max Weber e suas formulações a respeito dos *tipos ideais*<sup>XII</sup>. Dessa forma, Holanda começou a pensar os problemas de seu país à distância e com base nas mais recentes teorias discutidas na Alemanha da época. Porém, com a Crise de 1929 na Bolsa de Valores de Nova Iorque, iniciou-se também uma crise no liberalismo clássico, para qual no âmbito mundial apresentaram-se como “soluções” o fascismo – ao qual Sérgio Buarque de Holanda se opôs – e o socialismo/comunismo.

Ao retornar ao Brasil e analisar as mudanças que ocorriam no país a partir da crise do liberalismo clássico juntamente com as “soluções” para essa crise que surgiam em sua nação,

## A CONTRIBUIÇÃO DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA PARA A HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA A PARTIR DO LIVRO RAÍZES DO BRASIL

EDUARDO AUGUSTO SANTOS SILVA

a exemplo do integralismo, de influência fascista, e do socialismo/comunismo, e, além disso ao perceber o autoritarismo do Governo de Getúlio Vargas, escreveu<sup>XIII</sup> e publicou em 1935 na *Revista Espelho* um longo ensaio denominado de *Corpo e Alma do Brasil*, no qual inovou através da introdução dos elementos de análise psicológica e social, baseados nas já destacadas concepções do Surrealismo e do Historismo, para pensar o Brasil e os problemas de seu tempo presente em vez de privilegiar outra tendência historiográfica, que até então era pautar as análises históricas pelo saudosismo das questões do passado. No ano seguinte, em 1936, aquele ensaio daria origem ao livro *Raízes do Brasil*, publicado pela editora José Olympio.

Em *Raízes do Brasil*, Sérgio de Holanda usou de uma concepção libertária, pois enquanto muitos intérpretes do Brasil ainda se preocupavam com aspectos biológicos e evolucionistas, ele por influência do Historismo negou essa visão de etapas do progresso civilizatório humano<sup>XIV</sup> e analisou a sociedade e a mentalidade brasileira a partir do relativismo cultural. Para Sérgio de Holanda, o historiador deveria elaborar perguntas que fossem decisivas para a compreensão de um acontecimento em vez de buscar fatos considerados puros<sup>XV</sup>. Por isso, seu objetivo com a análise era entender porque no Brasil de sua época presente – lembramos que *Raízes do Brasil* fora escrito as vésperas da criação do Estado Novo (1937-1945) quando Vargas já utilizava uma política autoritária de mandonismo – ainda persistiam elementos arcaicos da tradição autoritária que atrapalhavam o desenvolvimento da democracia e a modernização do país. Essa indagação o levou a estudar o período colonial do Brasil a fim de compreender os possíveis traços genuínos e singulares dos brasileiros.

Apesar de ter sido influenciado pelo Surrealismo e pelo Historismo, o autor não se agradava de selecionar uma escola de pensamento exclusiva e utilizá-la para desenvolver toda a sua análise. Holanda desenvolveu uma mentalidade que o possibilitasse desvelar as necessidades do povo brasileiro em vez de usar esquemas fixos, e inovou novamente quando ao se perguntar por que era tão difícil a renovação das elites dirigentes no Brasil resolveu dar voz ao povo e a sua cultura<sup>XVI</sup>, percebendo-o como um ator histórico espontâneo e livre, capaz de gerenciar o seu próprio caminho, sem a necessidade da presença de instituições políticas autoritárias, copiadas aos moldes do liberalismo europeu, e, não mais como um mero espectador que deveria observar seu destino ser conduzido de longe por um tipo de elite esclarecida ou iluminada.

## A CONTRIBUIÇÃO DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA PARA A HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA A PARTIR DO LIVRO RAÍZES DO BRASIL

EDUARDO AUGUSTO SANTOS SILVA

Portanto, Sérgio de Holanda venciu o pessimismo historiográfico sobre a possibilidade de um futuro promissor para o Brasil – que encontrou eco em pensadores da Geração de 1870, inclusive em Capistrano de Abreu antes de sua fase de maturidade intelectual<sup>XVII</sup> – em seus estudos, apesar disso manteve o elemento português como peça central na análise da sociedade brasileira, não enquanto algo superior pois não desejava promover uma valorização épica, mas o via como um elemento que foi fundamental pela sua capacidade de se transformar e se adaptar ao meio cultural brasileiro. Todavia, o autor fez uma ressalva que mesmo um aspecto da herança rural brasileira, o homem cordial, – cujas características abordaremos detalhadamente mais adiante – constituindo-se em uma carga negativa para a modernização nacional, por o homem cordial não saber diferenciar os interesses públicos dos privados, logo seria resolvido, pois a tendência era que a medida que a crescente urbanização aumentasse no Brasil esse legado negativo fosse sendo superado<sup>XVIII</sup>.

A metodologia usada por Sérgio Buarque de Holanda, em seus estudos históricos, baseia-se na escolha de pares conceituais contrários ou polares, inspirados nas concepções de Max Weber sobre os *tipos ideais*, mas com enfoque simultâneo entre os dois conceitos selecionados, a exemplo em *Raízes do Brasil* podemos citar os conceitos pares aventureiro/trabalhador, os quais não existem no todo no mundo real, apenas parcialmente em alguns seres humanos, mas que mesmo assim são fundamentais para compreendermos o pensamento de Sérgio de Holanda sobre o colonizador português e seu caráter aventureiro que privilegiava os fins aos meios para alcançá-los.

Além da metodologia de conceitos pares e contrários, Holanda utilizava o conceito da dialética hegeliana para demonstrar as transformações no processo histórico, a partir da relação dialética, ou seja, do movimento e confronto desses conceitos pares e contrários o autor buscava extrair formas e forças novas que promoviam mudanças nos seres humanos e em suas relações sociais<sup>XIX</sup>.

Uma outra característica relevante na metodologia de produção histórica de Sérgio de Holanda é a busca pelo esforço de síntese na etapa final do trabalho. O autor defende assim que os historiadores tenham uma preocupação literária em suas produções, outra inovação historiográfica em sintonia com Capistrano de Abreu, que também já demonstrava uma maior preocupação literária sem esquecer da relevância dos documentos, ao contrário de Varnhagen para o qual o importante era o rigor documental e a suposta neutralidade do historiador<sup>XX</sup>.

## A CONTRIBUIÇÃO DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA PARA A HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA A PARTIR DO LIVRO RAÍZES DO BRASIL

EDUARDO AUGUSTO SANTOS SILVA

Após analisarmos as características da trajetória de vida do autor que influenciaram em *Raízes do Brasil* – que como vimos trouxe várias rupturas que possibilitaram o desenvolvimento historiográfico brasileiro, apesar de ainda apresentar algumas permanências – e a sua metodologia de análise, podemos questionar em que medida as várias alterações feitas nessa obra ao longo de suas várias reedições contribuíram para ela se consagrar como um clássico da Historiografia Brasileira. Holanda reeditou *Raízes do Brasil* entre 1947/1948 e entre 1955/1956, segundo o próprio em uma nota da 3ª Edição sobre as mudanças realizadas no livro – e entendemos que conseqüentemente nas demais edições subsequentes também – “não lhe afetam essencialmente o conteúdo (...)”<sup>XXI</sup>.

Contudo, há quem discorde que o conteúdo essencial da obra não sofreu outras mudanças, como Luiz Feldman que percebeu mudanças significativas na 3ª edição de *Raízes do Brasil* e baseando-se nisso defende que o livro tenha se tornado uma obra clássica através de seu amadurecimento ao longo dessas três edições<sup>XXII</sup>, ao contrário de Antônio Cândido que ao prefaciar o livro *Raízes do Brasil* advogou que a obra já nasceu um clássico devido ao grande impacto que representou na Historiografia Brasileira em sua publicação<sup>XXIII</sup>. Concordamos com a validade da argumentação de Antônio Cândido, pois já demonstramos que a obra introduziu uma nova maneira de se pensar o Brasil, não obstante, parece-nos razoável nos atentarmos aos argumentos de Feldman, que além de discutir o caráter clássico do livro nos permite compreender melhor as sucessivas alterações feitas nas edições da obra.

A primeira edição de *Raízes do Brasil* (1936) possuía seis capítulos, na sequência: 1º - Fronteiras da Europa, 2º Trabalho & Aventura, 3º O Passado Agrário, 4º O Homem Cordial, 5º Novos Tempos e 6º Nossa Revolução. A partir da segunda edição (1948) surgiram algumas mudanças, podemos analisá-las levando em consideração que a trajetória de vida histórica do autor se alterou. Sérgio Buarque de Holanda vivia então em um período pós-Estado Novo, para o qual esse autor direcionou novas perguntas fundamentais e algumas de suas “certezas anteriores” foram reorientadas a partir dos novos acontecimentos em um país que ensaiava um novo período democrático, no qual Holanda participou inclusive da fundação da Esquerda Democrática (1946), que depois se tornou o Partido Socialista Brasileiro (1947), e logo o presidente Dutra tornaria o Partido Comunista ilegal e passaria a perseguir o comunismo. De forma geral, a partir dessa segunda edição o livro passou a apresentar sete capítulos, o que foi mudado em relação a edição anterior é que o capítulo 3º O Passado Agrário foi dividido em dois novos capítulos: o Capítulo 3 Herança Rural e o Capítulo 4 O Semeador e o Ladrilhador,

## A CONTRIBUIÇÃO DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA PARA A HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA A PARTIR DO LIVRO RAÍZES DO BRASIL

EDUARDO AUGUSTO SANTOS SILVA

destacamos também que foi incluído no Capítulo 4 uma nota chamada “A língua-geral em São Paulo”<sup>XXIV</sup>. A partir da 3ª edição houve mais alterações na organização do texto em si, sem novos capítulos ou introdução de novas notas.

De maneira geral, podemos considerar que não houve grandes alterações na obra e em seu conteúdo como um todo, contudo vejamos quais as três principais observações de Luiz Feldman a respeito dessas mudanças introduzidas nas primeiras edições de *Raízes do Brasil*. A primeira mudança fundamental está na postura axiológica – relativo a teoria dos valores, particularmente dos valores morais – acerca da tradição ibérica; a segunda mudança está na substituição do personalismo<sup>XXV</sup> pela democracia para a nascente ordem urbana a partir do século XIX; e a terceira mudança está na reformulação do enunciado do desterro (aqueles que foram banidos da pátria) como condição característica do brasileiro.

Sobre a primeira mudança, Feldman argumenta que entre a 1ª e a 2ª edição da obra houve uma mudança no juízo de Holanda acerca do valor da herança portuguesa, pois na 1ª edição Holanda se limitou a analisar como a tradição colonial refreava o desenvolvimento do Brasil, somente a partir da 2ª edição Holanda começou a buscar alternativas para limitar o peso da tradição colonial brasileira de forma que o país pudesse avançar com menos dificuldade ao progresso. Sobre a segunda mudança, Feldman analisou que enquanto na 1ª edição Holanda via como irremediável o desajuste entre a democracia no Brasil e o personalismo, na 2ª edição Holanda admitiu algum ajuste entre a democracia e o personalismo, de forma que o último deveria ser erradicado para que o primeiro pudesse ser implantado profundamente no país e esse processo deveria avançar cada vez mais à medida que a realidade urbana fosse se ampliando no Brasil em relação a rural. E, por fim, sobre a terceira mudança, Feldman sustenta que o conceito de desterro deixou de ser na 1ª edição uma outra forma para se denominar o chamado mal-entendido entre democracia no Brasil, ou seja, entre o transplante da cultura ibérica ao Brasil e a fundação de uma ordem política–jurídica eficiente nesse país, para na 3ª edição se referir a um estado de suspensão temporal, entre a cordialidade e a civilidade, sendo que a partir de então esse mal-entendido da democracia no Brasil passaria a ser compreendido apenas como parte do problema e não mais como o centro da questão.<sup>XXVI</sup>

Um dos principais conceitos desenvolvidos por Sérgio de Holanda ao longo do livro *Raízes do Brasil* é o de Homem Cordial. Para ele, a Cordialidade seria a grande contribuição do Brasil para a civilização. O Homem Cordial seria aquele que age de acordo com suas

## A CONTRIBUIÇÃO DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA PARA A HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA A PARTIR DO LIVRO RAÍZES DO BRASIL

EDUARDO AUGUSTO SANTOS SILVA

emoções, que tem no círculo da ordem familiar seu norte de composição social, não sendo sinônimo de “generoso” ou “hospitaleiro”. A Cordialidade seria uma característica oriunda do mundo rural e patriarcal, e, expressa por um fundo emotivo rico e transbordante, a ponto de levar a pessoa a ter medo de conviver a sós consigo mesmo, e, necessitar transbordar essas emoções “vivendo nos outros”. Por isso, o brasileiro teria aversão ao estilo ritualista de vida, que encontramos por exemplo nos japoneses, e teria o costume de estabelecer uma relação de intimidade com os demais, através do emprego de diminutivo (*inho*) nos nomes de familiares e amigos e mesmo de Santos, a exemplo temos a Santa Teresinha.

Segundo Holanda, a Cordialidade seria muito forte no Brasil por causa da herança rural, sobretudo dos brasileiros que cresciam na zona rural e no meio patriarcal, pois a convivência nesse meio impediria que os indivíduos se libertassem da ordem familiar e passassem a ter responsabilidade social exigida pela ordem do Estado – que ao surgir quebraria a ordem familiar. Assim, ao ser criado nesse ambiente rural e patriarcal, a partir da ordem familiar, o indivíduo não se tornava moralmente responsável já que não romperia a ordem do convívio familiar – por isso Holanda destacou os elogios feitos aos brasileiros órfãos ou aos que foram morar ainda jovens sozinhos no meio urbano – e se por exemplo um desses brasileiros criados sobre essa ordem familiar fosse morar na zona urbana não seria capaz de distinguir a esfera pública da privada, porque o único modelo de composição social que teria aprendido em sua vida seria o familiar – que é totalmente oposto ao do Estado – e passaria a gerir o público de acordo com seus interesses particulares, chegando mesmo a escolher funcionários por confiança pessoal ou afinidade em vez da capacidade própria.

Entendemos que a contribuição de Sérgio Buarque de Holanda a Historiografia Brasileira ultrapassa suas formulações em *Raízes do Brasil*, pois o autor também publicou obras de grande repercussão como *Cobra de Vidro* (1944), *Monções* (1945) e *Visão do Paraíso* (1957), escreveu vários artigos para revistas e jornais de circulação nacional, como a *Folha de São Paulo*, atuou como professor universitário na cadeira de História da Civilização Brasileira da Universidade de São Paulo (USP) entre 1956 e 1969 – na mesma época em que dirigiu a coleção *História Geral da Civilização Brasileira*, entre 1960 e 1972. Além disso tudo, Sérgio de Holanda contribuiu para a História do Brasil com sua ativa participação na vida política nacional, chegando a se inscrever como um dos fundadores históricos do Partido dos Trabalhadores (PT) em 1980.

# A CONTRIBUIÇÃO DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA PARA A HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA A PARTIR DO LIVRO RAÍZES DO BRASIL

EDUARDO AUGUSTO SANTOS SILVA

Tornou-se importante ressaltar que Sérgio Buarque de Holanda contribuiu para a Historiografia Brasileira tanto para as gerações passadas – a geração presente na época de publicação de *Raízes do Brasil* – quanto para as atuais – pois os principais questionamentos de sua obra ainda permanecem no horizonte dos historiadores – ao renovar a interpretação que se tinha da sociedade brasileira através de uma análise do processo histórico que possibilitou uma melhor compreensão dos problemas democráticos enfrentados pelo Brasil no presente em que viveu. Sérgio de Holanda trouxe o povo como um agente ativo na Historiografia Brasileira e, não mais exclusivamente as ações dos grupos oligárquicos, além de também ter discutido as implicações da emergência da vida urbana no Brasil. Nesse último caso, ao analisar o peso do legado rural e patriarcal, em grande parte colonial, Sérgio de Holanda abre caminho na Historiografia Brasileira para a sua superação e pensa, ao menos a partir da 3ª edição de sua obra, que a partir do desenvolvimento urbano do Brasil a Cordialidade diminuiria em função da quebra do círculo de ordem familiar, o que permitiria a consolidação da democracia nacional. Infelizmente, isso não acontece na atualidade brasileira, que mesmo após intenso processo de urbanização continua a registrar inúmeros casos de agentes do Estado corruptos que usam do patrimônio público para favorecimento particular, e ainda fazem valer a velha ordem do círculo familiar perante a ordem do Estado.

## Notas

<sup>I</sup> Trabalho apresentado a disciplina de mestrado *Historiografia Brasileira*, ministrada pelo professor Dr. Antônio Fernando de Araújo Sá (PROHIS/UFS).

<sup>II</sup> Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe.

<sup>III</sup> Ver mais em: WEHLING, Arno. Capistrano e a História do Brasil. In: *Trajetos*. Revista de História UFC. Vol. 3, nº 5, 2004. (Dossiê Capistrano de Abreu).

<sup>IV</sup> MOSCATELI, Renato. Um redescobrimto historiográfico do Brasil. In: *Revista de História Regional*. (5)1, Verão, 2000, pp. 187-201.

<sup>V</sup> Ver mais em: DIAS, Maria Odila L. da Silva. (org.). *Sérgio Buarque de Holanda, historiador*. São Paulo: Ática, 1985. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

<sup>VI</sup> Ver mais em: FRANÇOZO, Mariana de Campos. *Um outro olhar: a etnologia alemã na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. Campinas, SP, 2004, 151 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

<sup>VII</sup> A influência do Surrealismo na obra de Sérgio Buarque é perceptível até mesmo na capa de seu livro *Raízes do Brasil* (na edição que analisamos, a 26ª edição), na qual apresenta a imagem de uma das mais famosas obras de tendência surrealista de Tarsila do Amaral o Abaporu.

<sup>VIII</sup> GUIMARÃES, Manoel L. Salgado. A Historiografia Brasileira do século XX: os anos 30. In: *Revista do IHGB*, 152(370), Rio de Janeiro, jan. /mar. 1991, p. 283.

<sup>IX</sup> DIAS, Maria Odila L. da Silva. (org.). *Sérgio Buarque de Holanda, historiador*. São Paulo: Ática, 1985, p. 12.

<sup>X</sup> Ver mais em: ODÁLIA, Nilo (org.). *Varnhagen*. São Paulo: Ática, 1979. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

<sup>XI</sup> O Historismo, também conhecido como método historicista da escola de pensamento alemão, opõe-se à postura historicista tradicional que aceita uma interpretação teleológica – que conduz a uma finalidade específica de um progresso histórico linear – dos eventos humanos e que possibilita, assim, elaborar previsões históricas com base no trajeto percorrido até esse objetivo final. Para o Historismo deve-se analisar um evento histórico a

# A CONTRIBUIÇÃO DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA PARA A HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA A PARTIR DO LIVRO RAÍZES DO BRASIL

EDUARDO AUGUSTO SANTOS SILVA

---

partir da própria forma como ele se sucedeu, já que confere aos fatos explicações e justificativas em si mesmas, e nunca como meio de transição imprescindível para se alcançar uma suposta fase superior. Dessa forma, o Historismo nega a visão de história enquanto um plano racional e dirigido e interpreta o devir (processo de vir a ser) dos fenômenos sociais pela perspectiva do relativismo cultural. Cf. FRANÇOZO, Mariana de Campos. *Um outro olhar: a etnologia alemã na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. Campinas, SP, 2004, pp. 13-14.

<sup>xii</sup> Podemos entender os *tipos ideais* weberianos como uma construção hipotética, a qual não existe integralmente na realidade, mas que nos serve para auxiliar na explicação do mundo real. Cf. GUIMARÃES, Manoel L. Salgado. A Historiografia Brasileira do século XX: os anos 30. In: *Revista do IHGB*, 152(370), Rio de Janeiro, jan. /mar. 1991, p. 284.

<sup>xiii</sup> Ressaltamos que na época em Sérgio Buarque de Holanda escreveu *Corpo e Alma do Brasil* (1935) e a primeira edição de *Raízes do Brasil* (1936) ainda não tinha iniciado sua carreira de professor universitário. A obra tratou-se uma síntese, e não de uma obra factual, elaborada fora do mundo acadêmico através da maturação de seus conhecimentos de crítico literário e jornalista.

<sup>xiv</sup> Apesar disso, ainda encontramos resquícios desse determinismo biológico da geração de 1870 em *Raízes do Brasil* quando o autor utiliza termos como “preto” e “primitivo” para se referir a alguns indivíduos.

<sup>xv</sup> Ver mais em: DIAS, Maria Odila L. da Silva. (org.). *Sérgio Buarque de Holanda, historiador*. São Paulo: Ática, 1985. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

<sup>xvi</sup> Embora devamos considerar que Capistrano também já esforçou para substituir na historiografia o conceito de raça por cultura e que tenha possibilitado uma pequena emergência do povo ao analisar a cultura popular e a sociedade brasileira sem pautar-se exclusivamente em análises políticas e administrativas. Cf. FALCON, Francisco José Calasans. O Brasil de Capistrano de Abreu: Características de sua produção historiográfica. In: *Trajetos*. Revista de História UFC. Vol. 3, nº 5, 2004, pp. 65-77. (Dossiê Capistrano de Abreu).

<sup>xvii</sup> WEHLING, Arno. Capistrano e a História do Brasil. In: *Trajetos*. Revista de História UFC. Vol. 3, nº 5, 2004, pp. 58-59.

<sup>xviii</sup> Segundo Luiz Feldman, na primeira edição de *Raízes do Brasil* havia uma resignação de Sérgio Buarque de Holanda quanto a possibilidade do Homem Cordial perder seu espaço negativo no Brasil. Nas 2ª e 3ª edições da obra essa perspectiva foi alterada de forma a considerar, embora ainda com ceticismo, a possibilidade da perda de espaço da Cordialidade para a Civilidade no Brasil. Cf. FELDMAN, Luiz. Um clássico por amadurecimento: *Raízes do Brasil*. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Vol. 28, nº 82, jun. 2013, pp. 119-140.

<sup>xix</sup> CANDIDO, Antônio. O significado de “Raízes do Brasil”. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, pp. 12-13

<sup>xx</sup> Ver mais em ODÁLIA, Nilo (org.). *Varnhagen*. São Paulo: Ática, 1979. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

<sup>xxi</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. Nota da 3ª Edição. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 27.

<sup>xxii</sup> FELDMAN, Luiz. Um clássico por amadurecimento: *Raízes do Brasil*. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Vol. 28, nº 82, jun. 2013, pp. 119-140.

<sup>xxiii</sup> CANDIDO, Antônio. O significado de “Raízes do Brasil”. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, pp. 9-21.

<sup>xxiv</sup> Segundo essa nota, a linguagem geral utilizada na São Paulo colonial até meados do século XVIII não era o português, mas o chamado tupi colonial, que era uma mistura da língua tupi com a portuguesa. Como já mencionamos, Sérgio de Holanda apesar de manter o elemento português como o centro da sociedade brasileira demonstrou a partir dessa nota como o auxílio dos grupos de índios do interior de São Paulo, transmitindo seus costumes no geral, foi relevante para que os portugueses fossem capazes de se adaptar ao Brasil.

<sup>xxv</sup> Segundo o autor de *Raízes do Brasil*, o personalismo é uma característica que os brasileiros herdaram da tradição ibérica e constitui uma das principais características dos brasileiros, que seria a cultura da própria personalidade, a partir do personalismo a pessoa seria mais importante a medida que menos necessitasse dos demais para sobreviver. Essa característica dificultaria o surgimento de espírito coletivo entre os brasileiros. Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, pp. 32-33.

<sup>xxvi</sup> Ver mais em FELDMAN, Luiz. Um clássico por amadurecimento: *Raízes do Brasil*. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Vol. 28, nº 82, jun. 2013, pp. 119-140.

## Referências

**A CONTRIBUIÇÃO DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA PARA A HISTORIOGRAFIA  
BRASILEIRA A PARTIR DO LIVRO RAÍZES DO BRASIL**

EDUARDO AUGUSTO SANTOS SILVA

---

DIAS, Maria Odila L. da Silva. (org.). **Sérgio Buarque de Holanda, historiador**. São Paulo: Ática, 1985. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

FALCON, Francisco José Calasans. O Brasil de Capistrano de Abreu: Características de sua produção historiográfica. In: **Trajetos**. Revista de História UFC. Vol. 3, nº 5, 2004. (Dossiê Capistrano de Abreu).

FELDMAN, Luiz. Um clássico por amadurecimento: Raízes do Brasil. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Vol. 28, nº 82, jun. 2013, pp. 119-140.

FRANÇOZO, Mariana de Campos. **Um outro olhar: a etnologia alemã na obra de Sérgio Buarque de Holanda**. Campinas, SP, 2004, 151 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

GUIMARÃES, Manoel L. Salgado. A Historiografia Brasileira do século XX: os anos 30. In: **Revista do IHGB**, 152(370), Rio de Janeiro, jan. /mar. 1991, pp. 275-288.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MOSCATELI, Renato. Um redescobrimto historiográfico do Brasil. In: **Revista de História Regional**. (5)1, Verão, 2000, pp. 187-201.

ODÁLIA, Nilo (org.). **Varnhagen**. São Paulo: Ática, 1979. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

WEHLING, Arno. Capistrano e a História do Brasil. In: **Trajetos**. Revista de História UFC. Vol. 3, nº 5, 2004. (Dossiê Capistrano de Abreu).